



GRANDE REPORTAGEM Pag. 05

TESTA-LÁ: INOVAÇÃO E IMPACTO NA CONSCIENCIALIZAÇÃO E TESTAGEM DE HIV EM MOÇAMBIQUE

ENTREVISTA Pag. 10

Energia para Todos: Desafios e Conquistas no Sector Energético com Miquelina Menezes

Em 2010, apenas cerca de 18% da população tinha acesso à eletricidade. Hoje, estima-se que essa taxa seja de 54,2%. Apesar disso, Moçambique ainda enfrenta uma série de desafios significativos para atingir a meta de electrificação universal até 2030, especialmente em áreas rurais e remotas.

ARTIGO DE OPINIÃO Pag. 24

O Papel da Sociedade Civil no Fundo Soberano

Até Junho de 2024 as receitas provenientes da exploração de petróleo e gás natural foram de 114 milhões de USD, correspondentes a 7.3 bilhões de MT. A expectativa é de que até 2027 as receitas anuais sejam em média 82,3 Milhões de USD.

FICHA TÉCNICA

Propriedade

*FDC - Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade
Av. 25 de Setembro, Edifício Time Square, Bloco 2, nr: 270
CP: 4206 - Maputo - Moçambique Copyright © 2022 FDC
Todos os direitos reservados*

Nome:

Himbe revista

Revisão:

Diogo Milagre e Oliveira Mucar

Editor:

Laque Francisco

Texto e Edição:

Laque Francisco, Kátia Mussá

Colaboração:

Estrela Charles, Marta Uetela e Gina Siteo

Fotografia:

FDC

Projecto Gráfico:

Jaime Tivane

EDITORIAL

Ao presente número da nossa Himbe, entramos com o rescaldo da Campanha Testa Lá! Apesar do seu efeito retumbante, uma pesquisa independente chama-nos atenção de que ainda há uma franja considerável da população que não ouviu falar desta campanha que ressoou em múltiplos canais, incluindo os social media, e através dos billboards atraiu a retina de muitos. Para chegarmos aos 95% da população alcançada por mensagens sobre HIV a aderir à testagem e conhecer o seu sero-estado ainda teremos que calcorrar atalhos e desbravar mentes no nosso mosaico sócio-cultural.

A complementar este tema de fundo oferecemos ao nosso leitor uma entrevista que gravita em torno do tema Energias renováveis- que não só se assume assíduo nas nossas intervenções, mas, sobretudo, actual e transformador.

Seguem-se depois temáticas que ao longo do ano deram corpo e sentido às nossas intervenções, quer por se assumirem oportunas pelos previsíveis efeitos na sociedade, quer por cobrirem um espaço renovador e mobilizador de sensibilidades pelo pendor democrático e aglutinador que tais assuntos encerram. É o caso da Agenda sobre Mulher e Paz ou do Fundo Soberano.

Convidamos, como tem sido apanágio das nossas publicações, o leitor a nos acompanhar nesta jornada (in) formativa que a Revista Himbe encerra, afinal, o fim que esperamos através destas aparições não é apenas comunicar, mas igualmente contribuir para (in) formar e transformar.

Diogo Milagre

Administrador-Delegado



GRANDE REPORTAGEM



TESTA-LÁ: INOVAÇÃO E IMPACTO NA CONSCIENCIALIZAÇÃO E TESTAGEM DE HIV EM MOÇAMBIQUE

O Governo de Moçambique assumiu o compromisso de alcançar as metas globais 95-95-95 do ONUSIDA que defende que até 2030 95% da população não testada conheça o seu estado de HIV. Segundo o INSIDA 2021, em Moçambique, o primeiro 95 encontra-se na faixa dosem 71,6%, faltando 28,4% que ainda não

conhece o seu estado serológico, num contexto onde faltam apenas 6 anos para 2030.

Como medida para acelerar o alcance das referidas metas, o país implementa a Diretriz Nacional de Aconselhamento e Testagem em Saúde (2023) e o Guião Orientador para implementação dos Modelos Diferenciados de Serviços para regulamentar strategi-

camente a testagem do HIV.

Em resposta a esse desafio, o Ministério da Saúde (MISAU), a Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC) e o PEPFAR lançaram, em Agosto de 2023, a campanha "TESTA-LÁ, CONHECE O TEU ESTADO DO HIV" cujo objectivo é promover a consciência social sobre a neces

sidade de testagem de HIV, nas suas diferentes abordagens, e estimular a procura dos respectivos serviços para o conhecimento do seroestado, permitindo, assim, que as populações prioritárias para o Aconselhamento e Testagem em Saúde (ATS) no país, incrementem o nível de conhecimento sobre o risco de infecção pelo HIV e sobre a importância da testagem.

A campanha surge igualmente num contexto em que o País introduziu o auto-teste de HIV, que se apresenta como um diferencial, visando complementar as abordagens de testagem. O auto-teste em uso no país, de marca Oraquick, foi validado e pré-qualificado pela Organização Mundial da Saúde, sendo implementado para aumentar a cobertura de testagem, especialmente entre populações de difícil alcance, focando em populações-chave e vulneráveis.

Para o uso do teste Oraquick de HIV é utilizada amostra de saliva em vez de sangue, o que pode ser menos invasivo para algumas pessoas.

“Este método oferece a flexibilidade de ser realizado em casa, ou em lugar a escolha do utente, com parceiro sexual, sozinho, com alguém de confiança ou preferência do utente, proporcionando mais controle e conforto aos utentes”, disse Guita Amane responsável pelo aconselhamento e Testagem em Saúde, no Programa Nacional de Controlo de Infecções de Transmissão Sexual e HIV/SIDA no MISAU.

SUZETE ELIAS E A FACILIDADE DO AUTO-TESTE EM CASA

Suzete Elias sempre foi uma mulher cuidadosa com a sua saúde. Aos 19 anos, ela frequentava a 12^a classe na Escola Secundária de Mafambisse e sempre participava em feiras na sua comunidade, onde, entre outros serviços, aproveitava para fazer o teste de HIV. Por adversidades da vida, ela tornou-se, aos 18 anos, trabalhadora de sexo. Em Março de 2024, ela recebeu uma mensagem no seu telefone. Era da campanha Testa Lá. A mensagem era directa: incentivava tanto o uso do teste convencional quanto a opção do auto-teste de HIV, esta última, uma novidade para ela. Ela leu aquilo com curiosidade e surpresa. “Auto-teste? O que é isso?” pensou.

Suzete Elias não sabia que era possível fazer o teste de HIV no conforto de casa, sem precisar ir a uma unidade sanitária. A campanha explicava tudo: o auto-teste era uma maneira também simples, rápida e segura de se testar, e obter o resultado em 20 minutos.

A mensagem também explicava como ela poderia adquirir o teste gratuitamente por meio de pontos de distribuição mais próximos de si. Movida pela curiosidade e pela conveniência de poder fazer o teste de HIV, Suzete Elias resolveu tentar. Ela seguiu as instruções da mensagem, que a direccionaram para uma linha verde Alô Vida, através da qual conseguiu solicitar o auto-teste e obteve no mesmo dia.

Na noite em que obteve o auto-teste, Suzete Elias sentou-se à mesa da cozinha, aliviada por po-

der realizar o teste em casa, sem a necessidade de ir à unidade sanitária ou contar com a presença de outra pessoa. O processo foi simples: uma pequena amostra de saliva e, em 20 minutos, o resultado “negativo” apareceu, mas ela sempre esteve consciente que se o resultado fosse positivo, seria possível levar uma vida normal e saudável caso iniciasse o tratamento para o HIV o mais cedo possível.

Embora já soubesse da importância de testar regularmente, aquela nova experiência mudou a relação dela com sua saúde. O auto-teste deu-lhe uma nova ferramenta de controlo, permitindo que ela cuidasse de si mesma de maneira prática e acessível. Além disso, a mensagem da campanha abriu seus olhos para a simplicidade e acessibilidade de um recurso que ela sequer sabia que existia.

Depois da experiência, Suzete Elias sentiu-se motivada a compartilhar a informação com outras mulheres de seu círculo. Ela sabia que muitas delas poderiam estar na mesma situação, deixando de lado sua saúde por falta de tempo ou medo de enfrentar a testagem convencional. Agora, com o auto-teste, elas teriam uma alternativa que poderia fazer toda a diferença.

Suzete Elias nunca se esqueceu do quanto aquela simples mensagem de texto impactou sua vida, e, em declaração a Himbe, ela agradeceu por essa oportunidade de cuidar de sua saúde de maneira tão prática e humanizada.

DESAFIOS DA IMPLEMENTAÇÃO DOS SERVIÇOS DE AUTO TESTAGEM EM HIV



Com a introdução do auto-teste, houve aceitação imediata por parte da população, e uma expansão significativa na abordagem a nível nacional. No entanto, esta expansão também trouxe desafios inesperados, como a dificuldade em prever a grande demanda e manter os estoques de testes abastecidos.

“A distribuição e disponibilidade dos auto-testes ainda apresentam lacunas, especialmente quando se trata da acessibilidade aos conselheiros comunitários. Embora exista uma linha de apoio disponível, denominada Alô Vida, que direciona as pessoas aos pontos de distribuição dos auto-testes, nem sempre é flexível o suficiente para atender a demanda” - explicou

Guita Amane, responsável pelo aconselhamento e Testagem em Saúde, no Programa Nacional de Controlo de Infecções de Transmissão Sexual e HIV/SIDA no MISAU.

Guita, mencionou que as províncias da Zambézia, Maputo Cidade e Província são as áreas geográficas com maior demanda identificadas pelo MISAU até o primeiro trimestre do presente ano. Para superar esses desafios, estão a ser implementadas estratégias para melhorar a cadeia de gestão e distribuição de testes, e garantir que o auto-teste seja acessível a todos que necessitam.

A campanha de testagem de HIV “Testa Lá” visa incentivar a procura dos serviços de testagem para conhecer o estado sorológico e aumentar o conhecimento das populações prioritárias sobre o risco de infecção pelo HIV e a importância da testagem, dando um passo crucial para o controle da epidemia e o acesso ao tratamento adequado.

Nesta campanha, a FDC e seus parceiros de implementação concentram esforços na promoção de diferentes abordagens de testagem a nível comunitário, incluindo o auto-teste, integrando gradualmente esta última abordagem nos serviços de testagem comunitária.

SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO DE TESTAGEM DE HIV

“Ando muito nervoso e sem vontade de viver por testar HIV positivo”, disse um utente de 23 anos ao Alô Vida, serviço de chamadas gratuitas e confidenciais, no qual os utentes de todas idades podem expor as suas dúvidas e pedir informação sobre saúde. No mesmo dia, uma outra utente de 18 anos terá ligado com a mesma inquietação “estou com problema de aceitar o resultado de HIV e fico muito pensativa”, disse.

Com a campanha de testagem, o MISAU e parceiros estão cientes da possibilidade de jovens e outros enfrentarem dificuldades emocionais, após receberem resultados positivos para o HIV, sobretudo com a introdução de auto-testagem, que é realizada de forma individual.

Nesse sentido, reforçou-se a abordagem preventiva ao oferecer aconselhamento pré e pós-testagem. Os conselheiros, responsáveis pela testagem na comunidade, deixam seus contactos com os utentes, proporcionando uma linha directa para auxílio em caso de dificuldades. Além disso, disponibiliza-se a linha verde AlôVida, onde os profissionais especializados, incluindo em saúde mental, de forma sigilosa e privada, têm dado suporte.

IMPACTO DA CAMPANHA TESTA LÁ



Os dados do MISAU mostram que a meta de testagem para 2023 foi superada, com cerca de **12 milhões de testes realizados**, acima dos 8,5 milhões previstos. No entanto, uma pesquisa realizada durante a campanha revelou que 49% dos inquiridos ainda não conheciam a iniciativa **Testa-Lá**, sugerindo que há espaço para aumentar ainda mais a visibilidade e os níveis de alcance.

Apesar disso, 70% dos participantes que tiveram contacto com as mensagens da campanha fizeram o teste de HIV, e 87% afirmaram que a abordagem da campanha foi eficaz em estimular a testagem voluntária. A campanha também impactou comportamentos preventivos, com 82% dos entrevistados passando a utilizar preservativos após receber o aconselhamento.

PRÓXIMOS PASSOS

“Estamos a avaliar estratégias para expandir a cobertura da campanha. Isso inclui focalizar as acções para as áreas geográficas que o relatório de impacto apontou como sendo de menor cobertura, nomeadamente Nampula, Zambézia e Sofala”, disse Laque Tamo, ponto focal da campanha na FDC, que explicou ainda que a diversidade geográfica e demográfica do país requer uma abordagem multifacetada na divulgação da campanha e engajamento dos moçambicanos e que por esta razão as mensagens foram desenvolvidas pelos grupos-alvo de cada região para

garantir identificação e relevância do conteúdo localmente. *“Todas plataformas de comunicação; línguas nacionais predominantes e língua de sinal estão a ser consideradas para alcançar o maior número possível de pessoas e assegurar que a campanha seja inclusiva, acrescentou Laque, que considera que a campanha deixou de ser campanha e está a evoluir para um movimento mais amplo, tendo como objectivo normalizar a testagem de HIV, mas também criar uma cultura de responsabilidade compartilhada no controlo da epidemia.*

GRANDE ENTREVISTA



ENERGIA PARA TODOS: DESAFIOS E CONQUISTAS NO SECTOR ENERGÉTICO COM MIQUELINA MENEZES



Miquelina Menezes é a nossa convidada para esta entrevista sobre o sector energético em Moçambique. Com mais de 15 anos de experiência, ela se destaca como uma figura proeminente, actuando em diversas áreas estratégicas. Ao longo de sua carreira, Miquelina ocupou posições de liderança em importantes instituições do sector, como a Empresa Nacional de Hidrocarbonetos, o Ministério dos Recursos Minerais e o Fundo de Energia de Moçambique, contribuindo significativamente para o desenvolvimento e a expansão das infraestruturas energéticas do país.

Sua liderança deixou um impacto duradouro, especialmente nas áreas de expansão da electrificação, defesa por políticas energéticas sustentáveis e promoção do acesso universal à energia. A visão estratégica de Miquelina e sua capacidade de implementação ajudaram a posicionar Moçambique como um país de destaque na produção e distribuição de energia na África. No que se refere às energias renováveis, ela não só defende profissionalmente a sua expansão, como também faz uso dessas fontes em sua própria casa. Actualmente, Miquelina colabora com a FDC, onde actua como coordenadora do Projecto PROEnergia, uma iniciativa implementada

em parceria com o FUNAE (Fundo Nacional de Energia).

Revista Himbe: O uso de energias renováveis vai além do seu trabalho. Por que a senhora decidiu instalar na sua própria casa?

Eu própria tinha de mostrar que é possível, que eu própria acredito no trabalho que faço. Então fiz um projecto na minha casa. Contratei uma empresa. Fomos ver o que é que podíamos fazer para melhorar as condições, diminuir o consumo de energia da rede, e termos uma poupança. Foi aí que decidi electrificar toda casa e o jardim com luz solar.

Revista Himbe: Quais foram os

passos e considerações importantes durante o processo de instalação do sistema?

Comecei pela parte externa da casa e, em seguida, eletrifiquei o interior. Quando cortam a energia da rede eu continuo a usar a energia solar. E depois pensei, há outra poupança que posso fazer usando esta energia, porque notei que tinha capacidade suficiente. Então comprei um congelador, aliás, são dois congeladores que uso com energia solar. A electrificação de todo o jardim fora da minha casa é tudo com luz solar. Todo o jardim da minha casa é iluminado com luz solar, o que demonstra que essa solução é viável, mesmo na cidade, onde muitos têm acesso à rede elétrica da EDM.

Revista Himbe: Como o sistema de painel solar impactou na sua vida diária e nas despesas de energia?

Consegui motivar outras pessoas a se interessarem por instalar painéis solares em suas casas, inclusive colegas que também adoptaram essa solução. E de facto, o consumo de energia diminui consideravelmente. O único gasto que eu tenho é com o ácido para as baterias. São por volta de dois mil meticais, mas isso de três em três meses. É esse o meu gasto.

Revista Himbe: Que recomendações a senhora daria para quem deseja instalar um sistema de painéis solares em casa?

Primeiro, é importante definir quais são as necessidades, seja para electrificação ou para sistemas de bombeamento de água. Depois, você deve procurar uma empresa especializada que faça o cálculo das demandas. Atual-

mente, existem empresas que oferecem esses sistemas com opções de pagamento parcelado, o que facilita a aquisição. Aconselho fortemente o uso de energia solar, pois traz grande economia no consumo doméstico de energia.

PERSPECTIVA GERAL DO SECTOR ENERGÉTICO EM MOÇAMBIQUE

Revista Himbe: Como a senhora avalia o estado actual do sector de energia em Moçambique, tanto em termos de infraestrutura quanto de acesso à electricidade, comparado a uma década atrás?

Miquelina: Apesar persistirem desafios, o sector de energia em Moçambique tem experimentado um desenvolvimento significativo nos últimos dez anos, tanto em

EM 2010, APENAS CERCA DE 18% DA POPULAÇÃO TINHA ACESSO À ELETRICIDADE. HOJE, ESTIMA-SE QUE ESSA TAXA SEJA DE

54,2%.

termos de infraestrutura quanto de acesso à energia.

INFRAESTRUTURA ENERGÉTICA:

- Aumento da capacidade de geração: Moçambique tem um grande potencial de geração de energia, especialmente de fontes hídricas, gás natural e ener-

gias renováveis. A barragem de Cahora Bassa continua a ser a principal fonte de electricidade. No entanto, nos últimos anos houve esforços para diversificar as fontes de geração, com novos projectos de gás natural em desenvolvimento, além de investimentos em energias renováveis.

- Expansão da rede elétrica: A Rede Nacional de Transporte de Energia (RNT) foi ampliada, melhorando a ligação de áreas urbanas e zonas rurais ao sistema nacional. No entanto, muitas áreas remotas ainda dependem de soluções off-grid, como sistemas solares domésticos.

ACESSO À ELECTRICIDADE:

A taxa de electrificação em Moçambique melhorou significativamente. Em 2010, apenas cerca de 18% da população tinha acesso à electricidade. Hoje, estima-se que essa taxa seja de 54,2%. As zonas urbanas, como Maputo e capitais provinciais, têm maior cobertura, enquanto as áreas rurais ainda enfrentam dificuldades de acesso.

AVANÇOS NO DESENVOLVIMENTO DE ENERGIAS RENOVÁVEIS:

O uso de energias renováveis, especialmente a solar, cresceu consideravelmente, com projetos de mini-redes e sistemas solares solares. Além disso, a construção de centrais fotovoltaicas pela EDM mostra o compromisso de Moçambique com fontes de energia sustentáveis.

Comparado com a década anterior, o progresso é evidente. A diversificação das fontes energéticas e o aumento da taxa de electrificação foram passos importantes, e o uso de energias renováveis é muito mais significativo



A barragem de Cahora Bassa continua a ser a principal fonte de electricidade. No entanto, nos últimos anos houve esforços para diversificar as fontes de geração, com novos projectos de gás natural em desenvolvimento, além de investimentos em energias renováveis.

hoje do que antes. Contudo, o grande desafio continua sendo o financiamento e o investimento no setor, que ainda depende fortemente de recursos externos.

Revista Himbe: Quais são os principais marcos que Moçambique alcançou no desenvolvimento do sector energético durante o seu mandato na EDM, FUNAE, Ministério de Recursos Minerais e nas organizações relacionadas?

Na EDM, houve uma ampliação significativa da capacidade de geração de energia, incluindo a reabilitação e modernização das infraestruturas existentes, o desenvolvimento de novas centrais, como a central de Temane e centrais fotovoltaicas, além da extensão da rede de transmissão e distribuição de alta tensão para conectar áreas mais remotas à

rede elétrica. O FUNAE tem desempenhado um papel crucial na expansão do acesso à energia em áreas rurais, implementando várias mini-redes utilizando energia solar e hídrica. Isso foi essencial para fornecer eletricidade a comunidades não conectadas à rede elétrica principal, em colaboração com o governo e parceiros internacionais. O MIREME implementou reformas para melhorar o ambiente regulatório e atrair mais investimentos no setor energético. Novas leis e políticas foram introduzidas para facilitar parcerias público-privadas (PPP), fomentar o investimento estrangeiro e criar um ambiente propício ao desenvolvimento de energias renováveis e outras formas de energia.

EXPANSÃO DA ELECTRIFICAÇÃO E ACESSO UNIVERSAL À ENERGIA
Revista Himbe: Moçambique

estabeleceu metas de eletrificação universal “Energia para Todos (2020-2030)”, como uma iniciativa estratégica para promover a inclusão energética, priorizando áreas rurais. Quais são os principais desafios que o país enfrenta para alcançar essa meta, especialmente em áreas rurais e remotas?

Moçambique enfrenta uma série de desafios significativos para atingir a meta de eletrificação universal até 2030, especialmente em áreas rurais e remotas. Embora o governo e seus parceiros tenham feito progressos, ainda há barreiras estruturais, financeiras e logísticas que dificultam o alcance dessa ambição por exemplo:

Dispersão geográfica: Moçambique é um país vasto, com muitas comunidades rurais espalhadas por áreas de difícil acesso.

Custos elevados de eletrificação rural: A eletrificação de áreas rurais é mais cara do que em zonas urbanas, devido à baixa densidade populacional, maiores distâncias entre os usuários e os desafios logísticos associados à construção de infraestruturas em regiões remotas.

Dependência de financiamento externo: Moçambique depende fortemente de doadores internacionais e financiamentos de instituições multilaterais (como o Banco Mundial e o Banco Africano de Desenvolvimento e outras) para realizar projectos de eletrificação. Sustentabilidade financeira dos projectos: Muitas vezes, os custos de operação e manutenção dos sistemas energéticos rurais não são cobertos pela receita gerada, devido ao baixo poder aquisitivo das populações rurais. Isso cria desafios na sustentabilidade.

Revista Himbe: Na sua opinião, o que precisa ser feito para garantir que a eletrificação rural ocorra de forma inclusiva e sustentável?

Adoção de soluções descentralizadas: Dado o desafio de expandir a rede eléctrica convencional para áreas remotas, o uso de mini-redes e sistemas solares domésticos pode ser uma solução. As soluções descentralizadas podem fornecer energia a comunidades isoladas de maneira mais rápida e a custos mais baixos do que a expansão tradicional da rede.

- Mini-redes comunitárias: Estes sistemas podem ser alimentados por energia solar, ou pequenas centrais hidroeléctricas, adaptando-se às condições locais e reduzindo a dependência de grandes infraestruturas.

- Sistemas solares off-grid: Kits solares domésticos podem fornecer energia básica para iluminação, carregamento de dispositivos e pequenos eletrodomésticos, além de serem uma solução flexível e acessível em áreas onde a rede nacional não chegará tão cedo.
- Fortalecimento da rede de transmissão e distribuição: Para áreas rurais que possam ser ligadas à rede eléctrica, é importante continuar a investir na ampliação e modernização das infraestruturas de transmissão e distribuição, garantindo que elas sejam resilientes a eventos climáticos extremos.
- Subsídios para ligações rurais: O custo de conexão à electricidade pode ser proibitivo para famílias rurais de baixa renda. Programas de subsídios para ligações à rede ou para a compra de sistemas solares domésticos podem ajudar a tornar a energia acessível para as populações mais vulneráveis.
- Tarifas diferenciadas e acessíveis: As tarifas de electricidade nas zonas rurais poderiam ser ajustadas à capacidade financeira das famílias. A implementação de sistemas de pagamento por uso, como "pay-as-you-go", pode ajudar a garantir que o custo da energia seja proporcional à renda das famílias, evitando a exclusão.
- Educação comunitária sobre energias renováveis: Programas de sensibilização devem ser desenvolvidos para educar as comunidades rurais sobre os benefícios das energias renováveis, o uso eficiente de energia e a importância da manutenção dos sistemas de energia.
- Coordenação interinstitucional:



Moçambique depende fortemente de doadores internacionais e financiamentos de instituições multilaterais (como o Banco Mundial e o Banco Africano de Desenvolvimento e outras) para realizar projectos de eletrificação.

Sustentabilidade financeira dos projectos: Muitas vezes, os custos de operação e manutenção dos sistemas energéticos rurais não são cobertos pela receita gerada, devido ao baixo poder aquisitivo das populações rurais. Isso cria desafios na sustentabilidade.



Melhorar a coordenação interinstitucional pode ajudar a evitar a duplicação de esforços.

Revista Himbe: Quais os principais projectos de eletrificação rural que a senhora destacaria como exemplos de sucesso em Moçambique?

Os projectos com ênfase em soluções descentralizadas como mini-redes solares, sistemas off-grid e a expansão de energias

renováveis. Esses exemplos são um reflexo do compromisso do país em promover o desenvolvimento sustentável, melhorar a qualidade de vida em áreas rurais e reduzir a desigualdade no acesso à energia. A continuação desses esforços, juntamente com o apoio internacional e parcerias público-privadas, é essencial para alcançar a meta de eletrificação universal até 2030. São apenas alguns exemplos:

- Programa de Eletrificação Rural com Mini-Redes Solares (FUNAE) em diversas regiões rurais, em algumas províncias.
- A Central Solar de Mocuba, inaugurada em 2019, é uma das maiores centrais solares de Moçambique e fornece energia limpa tanto para áreas urbanas quanto para áreas rurais na região da Zambézia com uma capacidade de 40 MW.
- Projecto de Eletrificação Rural



com Sistemas Solares Domésticos.

ENERGIAS RENOVÁVEIS E SUSTENTABILIDADE

Revista Himbe: Qual é o papel das energias renováveis no futuro do sector energético de Moçambique? Como o país pode acelerar a transição para fontes de energia mais limpas e sustentáveis?

As energias renováveis desem-

penham um papel fundamental no futuro do sector energético de Moçambique, tanto pela capacidade de diversificar a matriz energética quanto pelo potencial de promover o desenvolvimento económico sustentável. O país é rico em recursos renováveis, especialmente em energia solar, eólica, hídrica e biomassa, que podem ser aproveitados para reduzir a dependência de combustíveis fósseis e aumentar o acesso à eletricidade, principalmente em áreas rurais.

A transição para fontes de energia mais limpas pode ser acelerada por meio de políticas experimentais, investimentos estratégicos e inovação tecnológica. É necessário fortalecer a capacitação técnica e fomentar parcerias com o setor privado e a comunidade internacional para garantir uma transição bem sucedida. Se for bem aprovada, essa transição poderá reduzir as emissões de carbono, aumentar a resiliência climática e garantir um crescimento inclusivo e sustentável.

Revista Himbe: Existem iniciativas específicas em que Moçambique tem demonstrado progresso significativo no desenvolvimento de energias renováveis, como solar e eólica?

Sim, Moçambique tem demonstrado progresso significativo em iniciativas de energias renováveis, particularmente nos sectores de energia solar e, em menor escala, energia eólica. O país reconhece o potencial das renováveis como uma solução para aumentar o acesso à eletricidade, especialmente em áreas rurais, ao mesmo tempo em que apoia seus objetivos de desenvolvimento sustentável.

• Central Solar de Mocuba - Pro-

víncia da Zambézia com capacidade de 40 MW;

- Projeto Eólico de Namaacha - Província de Maputo com capacidade de 100 a 120 MW
- Projeto de Energia Solar Fotovoltaica em Metoro - Província de Cabo Delgado com capacidade de 41MW;
- Projecto de mini-redes desenvolvidas pelo FUNAE.

Revista Himbe: Como o país pode atrair mais investimentos internacionais em projectos de energia limpa?

Moçambique tem um potencial significativo para atrair mais investimentos internacionais em projectos de energia limpa, especialmente considerando seus vastos recursos renováveis em energia solar, eólica, hídrica, e biomassa. Para maximizar esse potencial, o país pode implementar uma série de estratégias e políticas que criem um ambiente mais atraente e seguro para investidores internacionais.

Simplificar e acelerar os processos de licenciamento para novos projectos de energias renováveis que permita que os investidores implementem seus projectos mais rapidamente e com menor custo e oferecer incentivos fiscais como isenções de impostos sobre a importação de equipamentos de energia renovável, reduções de taxas alfandegárias.

Revista Himbe: O que está sendo feito para aumentar a participação de mulheres no sector energético, tanto em termos de trabalho quanto em termos de inclusão nas políticas energéticas?

Aumentar a participação de mulheres no sector energético requer um esforço integrado



entre capacitação, políticas de inclusão, apoio ao empreendedorismo e oportunidades de liderança. Estas iniciativas devem expandir-se e, espera-se que mais mulheres possam ocupar cargos em todos os níveis do sector, contribuindo para uma indústria mais inclusiva e diversificada. Essas mudanças são fundamentais para garantir que o desenvolvimento do sector energético seja equitativo e sustentável, com benefícios para toda a sociedade.

IMPACTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS E RESILIÊNCIA ENERGÉTICA

Revista Himbe: Como as mudanças climáticas estão a afectar o planeamento e o desenvolvimento do sector de energia em Moçambique?

As mudanças climáticas são desafios significativos no sector

energético em Moçambique, exigindo uma abordagem proactiva e adaptativa. A diversificação das fontes de energia, a construção de infraestrutura resilientes e o fortalecimento das capacidades locais são essenciais para garantir um futuro energético sustentável e seguro e devem fazer parte da planificação energética. A criação de planos de acção que integrem risco climático, identificação de áreas vulneráveis da infraestrutura energética e prever como eventos climáticos extremos podem afectar a geração e distribuição de energia devem ser considerados no planeamento energético. A resiliência da infraestrutura existente e a necessidade de adaptação a novas realidades climáticas tornam-se prioridades.

VISÃO DE FUTURO E LIDERANÇA

Revista Himbe: Como a senhora visualiza o sector energético de Moçambique nos próximos 10 a 20 anos? Quais são as suas expectativas e esperanças para o futuro?

A minha visão para o sector energético de Moçambique nos próximos 10 a 20 anos é optimista, considerando as oportunidades e os desafios que o país enfrenta no cenário energético global e regional.

Moçambique possui um grande potencial em energias renováveis, especialmente hidroelétrica, solar e eólica. Nos próximos 10 a 20 anos, espera-se um aumento significativo no uso dessas fontes, impulsionado por investimentos em infraestruturas e projectos de energia limpa.

Que Moçambique se torne um líder regional na produção de energias renováveis, inovação tecnológica e uma gestão sus

tentável dos recursos de gás natural contribuindo para a segurança energética e mitigação das mudanças climáticas, oferecendo benefícios sustentáveis à população e ajudando o país a alcançar suas metas de desenvolvimento.

Revista Himbe: Tendo liderado importantes mudanças no sector de energia em Moçambique, quais foram as principais lições que a senhora aprendeu em termos de liderança?

Em termos de liderança aprendi que para liderar mudanças transformadoras, é essencial ter uma visão clara e estratégica de longo prazo. A visão serve como um norte para guiar todas as decisões e esforços, especialmente num sector complexo e dinâmico como o energético.

É necessário uma liderança eficaz que inspire e motive as equipas e crie um ambiente de trabalho de colaboração, onde as pessoas se sintam valorizadas e motivadas, o que resulta numa maior produtividade e confiança.

O envolvimento de todos no processo constrói uma cultura de confiança e de compromisso. A transparência e a clareza na comunicação são fundamentais para manter o apoio e o alinhamento de todos os colaboradores. Aprendi ainda que os resultados devem ser partilhados por todos, pois isso traz um sentimento de satisfação.

Revista Himbe: Qual é o conselho que a senhora daria para jovens líderes e mulheres que desejam seguir uma carreira no sector energético?

O sector de energia oferece inúmeras oportunidades para jovens líderes e mulheres. O caminho pode ser desafiador, mas tam-



bém cheio de oportunidades e recompensas.

O primeiro passo é acreditar nas suas próprias capacidades. Muitas vezes, as mulheres enfrentam barreiras de autoconfiança em sectores dominados por homens, como o da energia. No entanto, é fundamental reconhecer o seu valor e a sua capacidade de contribuir para o desenvolvimento do sector de maneira significativa.

Nunca subestimar as suas habilidades ou deixar que a falta de representatividade feminina em determinadas áreas lhe tire a motivação. Deve procurar ser a líder que inspira outras mulheres a seguir o mesmo caminho.

O caminho para o sucesso raramente é fácil, especialmente para mulheres em sectores tradicionalmente masculinos. Os desafios e os preconceitos de gênero, são muitos, mas a resiliência é a chave para superá-los.

Deve manter-se firme diante de obstáculos e nunca desistir dos seus objectivos e sonhos. A habilidade de se adaptar e seguir em frente, mesmo quando as coisas não saem como desejamos é o que distingue grandes líderes. Apoiar outras mulheres a participar de iniciativas que promovam a diversidade no sector e encorajar na inclusão de diferentes perspectivas em todas as etapas da cadeia energética.



DESAFIOS PESSOAIS E CONQUISTAS.

Revista Himbe: Quais foram os maiores desafios que a senhora enfrentou enquanto liderava grandes projectos e instituições no sector energético em Moçambique?

Liderar projectos no sector energético foi um desafio complexo, que exigiu uma combinação de habilidades técnicas, de gestão e de liderança. O primeiro grande desafio foi o de ser mulher. Outro grande desafio que enfrentei foi fazer acreditar que a energia renovável era possível, que podíamos fazer muito usando as energias renováveis. O financiamento para projectos de energia era escasso, e a dependência de recursos públicos limitava a capacidade de implementar soluções abrangentes. Gerir expectativas de diferentes stakeholders, incluindo o governo, comunidades locais, investidores e organizações internacionais, foram um desafio

significativo. Trabalhar com uma variedade de stakeholders, sector privado e comunidades locais, e garantir coordenação foi desafiador em termos de comunicação e alinhamento de objectivos.

Revista Himbe: Quais realizações pessoais no sector de energia a senhora mais se orgulha e que acredita terem feito a maior diferença para o desenvolvimento do país?

A maior realização da qual me orgulho até hoje foi a criação do FUNAE, que se tornou uma marca de impacto no campo da electrificação rural e na promoção das energias renováveis em Moçambique. Este foi um dos maiores desafios profissionais que enfrentei, pois começamos literalmente do zero. No entanto, sempre acreditei que seria possível e, acima de tudo, confiei na minha capacidade de liderar essa transformação. Hoje, o FUNAE não apenas ampliou o acesso à energia em diver-

sas comunidades rurais, mas também desempenhou um papel crucial no desenvolvimento de capital humano. Muitos dos jovens que ingressaram no FUNAE como seus primeiros empregos tornaram-se técnicos de alto nível, e tenho orgulho de ter contribuído para seu crescimento profissional e para o fortalecimento de suas carreiras.

Liderar projectos que melhoraram significativamente o acesso à energia em regiões remotas é uma realização que me enche de orgulho. Esses projectos não só levaram eletricidade a áreas que antes viviam à margem, como também transformaram vidas, impulsionando o desenvolvimento econômico e social dessas comunidades.

De referir ainda foi um grande sucesso o desafio que tivemos de instalar um posto de abastecimento de combustível em cada distrito, sendo que muitos deles funcionavam com energia solar.



MOVIMENTO MULHER E PAZ

MOVIMENTO MULHER & PAZ: INFRAESTRUTURA SOCIAL DAS MULHERES PARA A PAZ SOCIAL EM MOÇAMBIQUE



O Acordo Geral de Paz (1992), o Acordo sobre a Cessação das Hostilidades (2014), o Memorando de Entendimento sobre Assuntos Militares/DDR (2018) e o Acordo de Maputo – Reconciliação Nacional (2019), junto à nomeação de um Enviado Especial das Nações Unidas para Assuntos de Paz em Moçambique, são marcos legais que pavimentaram o caminho para a paz político-militar no país.

A nível global, a Resolução 1325 das Nações Unidas sublinha a importância da participação das mulheres e da inclusão das suas perspectivas nos processos de paz, no planeamento humanitário, nas operações de manutenção da paz e na governação pós-conflito. Em Moçambique, essa reso-

lução é operacionalizada através do Plano Nacional Mulher, Paz e Segurança, um instrumento fundamental para garantir o direito de participação das mulheres em todas as esferas da vida.

O Movimento Mulher & Paz (MMP) é mais um desses mecanismos que visa ampliar o espaço, as oportunidades e as capacidades das mulheres em Moçambique para que actuem como mediadoras e participem de forma activa nos diálogos e processos políticos, além de promover a consolidação da paz e a reconciliação, gerando coesão social no país.

Duas personalidades de renome internacional e nacional desempenharam um papel crucial na infraestrutura para a paz liderada por mulheres: Graça Machel, ac-

tivista global na promoção dos direitos das crianças e raparigas, e Maria de Frutos, ex-embaixadora do Reino da Suécia em Moçambique. Em 2018, essas figuras foram fundamentais para o lançamento da plataforma Movimento Mulheres pela Paz, que hoje evoluiu para o Movimento Mulher e Paz. Este movimento comunitário, liderado por mulheres, é um reflexo da capacidade feminina de promover a paz e a reconciliação.

“As mulheres, como mães e guardiãs da vida, possuem uma grande responsabilidade na promoção da paz e da reconciliação, tanto nas famílias quanto nas comunidades.” (Participantes da 1ª Conferência Nacional do MMP). O MMP é coordenado pela Fundação para o Desenvolvimento

da Comunidade (FDC), em consórcio com organizações como o Instituto para a Democracia Multipartidária (IMD) e o Centro Africano para a Resolução Construtiva de Disputas (ACCORD). Este trabalho é apoiado técnica e financeiramente pelo Governo do Reino da Suécia, através da sua Embaixada em Moçambique. A prontidão e determinação das mulheres moçambicanas para agir pela paz foram confirmadas em consultas regionais realizadas em 2018, corroborando um estudo que envolveu mais de 600 mulheres. O levantamento abordou conceitos como “paz social”, “reconciliação”, “mediação”, “resolução de conflitos”, “coesão social” e o papel da mulher na construção da paz e reconciliação nacional. Na 1ª Conferência Nacional do Movimento Mulheres pela Paz, realizada em Agosto de 2018, foi oficialmente estabelecido o Movimento Mulher e Paz, que reúne 230 mulheres de 53 distritos, representando cerca de 125.000 mulheres em Moçambique. Apesar das barreiras impostas por um sistema patriarcal que perpetua a discriminação, o ceticismo e a marginalização, além da violência baseada no género, as mulheres moçambicanas, representadas por uma base de 160 mil integrantes, introduziram um novo conceito no país: a Paz Social.

“Os processos de paz vão além da definição de um cessar-fogo; eles incorporam elementos que lançam as bases para a paz e moldam as estruturas da sociedade.” (Relatório do Estudo)

As mulheres moçambicanas, ao reconhecerem seu papel como agentes de mudança, afirmaram que são recursos essenciais para a construção da paz, possuindo as competências e o estatuto social necessários para transformar ambientes pós-conflito. Elas são co-

nhecidas pela sua capacidade de construir confiança e promover o diálogo em situações difíceis.

“Nós, mulheres, somos corajosas e queremos afirmar nossa vontade de participar activamente na construção da paz e da reconciliação nacional.” (Participantes da 1ª Conferência Nacional do MMP)

No entanto, para que as mulheres possam efectivamente participar dos processos de paz e reconciliação, algumas condições são necessárias:

1. Capacitação personalizada e contínua em mediação, negociação, facilitação, construção de confiança e diálogo.
2. Institucionalização de espaços regulares de diálogo entre as mulheres.
3. Inclusão das mulheres em espaços de liderança e tomada de decisão.
4. Criação de oportunidades educacionais e incentivo ao aumento da escolaridade para mulheres jovens e adultas.
5. Promoção de iniciativas voltadas ao fortalecimento econômico das mulheres.
6. Engajamento dos homens na conscientização e respeito pelos direitos das mulheres.
7. Combate a todas as formas de violência contra meninas, jovens e mulheres adultas, rompendo o ciclo de violência.

Esses factores, somados a um ambiente favorável ao diálogo e à reconciliação, exigem perdão sincero, construção de confiança, comunicação eficaz e o envolvimento de líderes comunitários experientes.

INFRAESTRUTURA DAS MULHERES PARA A PAZ



O MMP é agora uma realidade viva nas comunidades. Por meio de Núcleos da Paz, desdobrados em níveis distrital, comunitário e provincial, o movimento proporciona união, partilha de experiências, solidariedade e apoio mútuo entre as mulheres. Os Núcleos da Paz são espaços onde se planeja a opera-

cionalização da Agenda Nacional, bem como a sustentabilidade social e económica das mulheres e suas famílias.

Graças ao empenho e reconhecimento do seu trabalho, três mediadoras do Movimento Mulher e Paz foram nomeadas como Campeãs Nacionais da Paz pelas Nações Unidas. Com 372 núcleos, o MMP também se expande através

de plataformas digitais, com mais de 10.000 membros e seguidores nas redes sociais, estabelecendo conexões com redes de mulheres na África do Sul, Congo e Estados Unidos.

Este movimento é uma força transformadora para a paz e a coesão social em Moçambique, com as mulheres no centro dessa mudança.

A photograph of two women in a textile workshop, overlaid with a semi-transparent teal filter. The woman on the left is smiling and looking down at her work. She wears a purple headscarf with a white floral pattern and a purple cardigan over a white top. The woman on the right is also smiling and looking down. She wears a patterned headscarf and a light-colored top. In the background, there are shelves with various fabrics and a large white object, possibly a piece of machinery or a large container. The text 'ARTIGOS DE OPINIÕES' is centered in white, bold, uppercase letters, with a yellow horizontal line underneath it.

ARTIGOS DE OPINIÕES

FUNDO SOBERANO DE MOÇAMBIQUE:

O PAPEL DA SOCIEDADE CIVIL NO FUNDO SOBERANO



ESTRELA CHARLES

Economista e Especialista em Finanças Públicas

No dia 20 de Agosto do corrente ano tomaram posse os membros do comité de supervisão do Fundo Soberano de Moçambique a qual a FDC orgulha-se em fazer parte. O comité de supervisão do Fundo Soberano de Moçambique – FSM - é o órgão responsável pela fiscalização das decisões de investimento, monitoria e gestão dos recursos e garantir que as políticas e procedimentos estejam alinhadas com as melhores práticas internacionais. Este deverá também assegurar que as operações do fundo sejam conduzidas de forma ética e em benefício de toda a população.

A materialização deste comité é um passo decisivo na gestão dos recursos naturais do país, tendo em conta a sua principal missão de garantir a transparência e a

boa gestão das receitas provenientes da exploração do petróleo e gás natural.

Até Junho de 2024, as receitas provenientes da exploração de petróleo e gás natural foram de 114 milhões de USD, correspondentes a 7.3 bilhões de MT . A expectativa é de que até 2027 as receitas anuais sejam em média 82,3 Milhões de USD , com uma previsão de pico na década 2030 e 2040 com receitas anuais de mais de 6 bilhões de USD.

A actuação deste comité é de extrema importância para garantir a eficácia do fundo, na medida em que deverá servir de braço da Assembleia da República, apoiando-a na tomada de decisões relacionadas ao funcionamento e desempenho do FSM. Além disso, o comité deverá assegurar que as decisões do Parlamento estejam alinhadas com a política de investimentos e os objectivos do Fundo, conforme estabelecido nos artigos 22 e 23 da Lei nº 1/2024 de 9 de Janeiro lei que cria o FSM. A supervisão eficaz é fundamental para assegurar que o fundo não seja mal utilizado ou desviado para interesses particulares, mas que continue a servir o propósito de beneficiar toda a nação. O FSM tem como principal objectivo garantir a gestão prudente e eficiente dos recursos provenientes da exploração de recursos naturais. O FSM visa por um

lado, a estabilidade económica a longo prazo, por outro, a promoção do desenvolvimento sustentável. Este é um mecanismo de poupança de longo prazo, onde os investimentos são feitos com base na política de investimentos aprovada pelo Governo.

Tendo em conta a riqueza de recursos naturais de Moçambique, e a descoberta de grandes reservas de gás natural, o país tem potencial para transformar a economia nacional. Contudo, a história mostra que se os recursos forem mal geridos, pode-se resvalar para a conhecida “maldição dos recursos”, onde os benefícios económicos não se traduzem em melhorias para a população. É neste contexto que o FSM surge como uma ferramenta essencial para evitar essa armadilha e assegurar que a riqueza natural seja uma bênção para o país.

Com o FSM o país criará uma reserva financeira para o futuro, fundamental para proteger a economia das flutuações dos preços dos recursos naturais e das instabilidades económicas globais. Ao acumular poupanças durante os períodos de alta nos preços dos recursos, o FSM pode garantir que Moçambique tenha os recursos necessários para enfrentar períodos de baixa, evitando crises económicas que poderiam ter impactos severos na vida dos moçambicanos.

SAÚDE MENTAL

SAÚDE MENTAL NAS COMUNIDADES: UM DIREITO HUMANO FUNDAMENTAL



GINA SITEO

Psicóloga Social e Organizacional

A saúde mental refere-se ao bem-estar em que o indivíduo desenvolve suas habilidades pessoais, consegue lidar com os estresses da vida, trabalha de forma produtiva e está apto a contribuir para sua comunidade. Nesse contexto, o Sistema Nacional de Saúde classifica a saúde mental como prioridade na promoção da saúde pública e comunitária (MISAU, 2022).

É essencial compreender o conceito de saúde, que é definido como o bem-estar físico, mental, espiritual, social e cultural, não sendo apenas a ausência de doença (OMS, 2011). Portanto, a saúde do indivíduo só é plena quando integrada à saúde mental. Diante disso, as Nações Unidas defendem que a saúde mental não é um privilégio, mas um direito humano fundamental, devendo ser incluída na cobertura universal de saúde. Por essa razão, os governos devem promover e garantir esse direito, proporcionando os sistemas e recursos necessários para sua efetivação.

Contudo, esse objectivo individual e colectivo ainda está longe de se concretizar. No âmbito da monitoria do Plano de Acção Integral de Saú-

de Mental da Organização Mundial de Saúde (OMS), o novo Atlas de Saúde Mental da OMS (2021) revela que os países ainda não estão a oferecer às pessoas os serviços de saúde mental de que precisam.

Um exemplo concreto é que, até 2020, apenas 51% dos 194 Estados Membros da OMS afirmaram que suas políticas ou planos de saúde mental estavam alinhados com os instrumentos internacionais e regionais de direitos humanos, muito aquém da meta de 80%. Além disso, somente 52% dos países cumpriram a meta relativa aos programas de promoção e prevenção de doenças relacionadas à saúde mental, também muito abaixo da meta de 80%. A única meta alcançada em 2020 foi a redução da taxa de suicídio em 10%. Mesmo assim, apenas 35 países afirmaram ter uma estratégia, política ou plano de prevenção autónomo.

A preocupação é reforçada pelo Diretor-Geral da OMS, que afirma: “É extremamente preocupante que, apesar da evidente e crescente necessidade de serviços de saúde mental, intensificada pela pandemia de COVID-19, as boas intenções não estejam sendo acompanhadas por investimentos. Devemos prestar atenção e agir de acordo com esse alerta, acelerando drasticamente o aumento dos investimentos em saúde mental, pois não há saúde sem saúde mental”.

Em Moçambique, apesar dos esforços do setor de Saúde, o progresso no cumprimento das metas do Plano de Acção Integral de Saúde Mental ainda não atingiu 60% (MISAU, 2022).

Diante desse cenário, percebe-se que há um longo caminho a percorrer para o investimento desejado na saúde mental individual e familiar, com serviços de qualidade que atendam às necessidades das comunidades.

Assim, como agentes comunitários, temos a oportunidade de promover a saúde mental nas comunidades como um direito humano fundamental, essencial para a dignidade humana. Além disso, podemos contribuir para acelerar o alcance das metas do país e fortalecer o sistema nacional de saúde mental por meio da capacitação de agentes comunitários, do reforço ao apoio comunitário, do desenvolvimento de sistemas tecnológicos de resposta e gestão de casos, da integração do apoio psicossocial no pacote de cuidados de saúde e sociais, da documentação e replicação de modelos endógenos de apoio psicossocial no contexto de conflitos e mudanças climáticas, e por meio de ações coletivas de mulheres jovens e pessoas com deficiência na prevenção e combate a todas as formas de discriminação, desigualdade e violência baseada no gênero, reduzindo as barreiras que limitam o acesso das comunidades aos serviços e sistemas de saúde mental.

Portanto, a saúde mental das comunidades deve ser defendida e promovida como um direito humano fundamental, acessível aos grupos mais desfavorecidos, a fim de torná-los mais resilientes, capazes de promover seu desenvolvimento e impulsionar a transformação social, baseada na justiça de gênero.

RECURSOS COMUNICAÇÃO E INOVAÇÃO

A Plataforma Pensa é um serviço do MISAU que oferece informação grátis sobre saúde para todos cidadãos. É só digitar no seu celular o código USSD *660# e clicar ok que o usuário estará apto para obter informações sobre doenças, serviços de saúde materno-infantil, oferta de auto-testes de HIV, reportar problemas de saúde bem como obter os detalhes de contacto para um centro de saúde próximo.



O AlôVida é um serviço de saúde, sem fins lucrativos, cujo objectivo é atender as pessoas que tem dúvidas em matérias de saúde através de chamadas telefónicas. O usuário apenas deve ligar para 84146 (vodacom) ou 82149 (Tmcel) ou ainda 1490 (Movitel). Os atendimentos são gratuitos e realizados todos os dias.

QUICKRES

QuickRes é um aplicativo de reserva de consultas de saúde on-line e gestão de casos, permitindo que qualquer membro da população chave encontre e marque consultas para uma variedade de serviços de saúde oferecidos pelo projecto Viva+ implementado pela FDC.





REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
Ministério da Saúde

Vive a vida com confiança, faz o teste.

Dirige-te à unidade sanitária mais próxima e faz o teste de HIV ou procura um activista na tua comunidade e levanta mahala o auto-teste de HIV. É simples, rápido e seguro.

Vai já testar



Diga Não à Exploração e Abuso Sexual



Ligue Mahala

A Denúncia é Anónima



84146

82149/1490

1490

**LINHA VERDE
DA REVISTA ANONÍMICA
(1458)**

(116)



denuncia.eas@fdc.org.mz



unicef

para cada criança

O QUE É EXPLORAÇÃO E ABUSO SEXUAL ?

É quando um trabalhador humanitário/comunitário:



Troca assistência humanitária por sexo



Tem relações sexuais com crianças (menores de 18 anos)



Tem qualquer relação sexual com beneficiários independentemente da idade



Troca dinheiro, emprego, bens ou serviços por sexo

Ligue Mahala

A Denúncia é Anónima

 **vodacom** 84146
 **tmcel** 82149/1490
 **M** 1490
 **LINHA VERDE** 1458
 **116**
 QR CODE
 Programa Nacional de Prevenção Contra a Exploração Sexual (DEAS)
 Caixa de Denúncia Nos escritórios da FDC

denuncia.eas@fdc.org.mz

 **FDC**
Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade
 **unicef**
para cada criança



SERVINDO A COMUNIDADE